

NA TRILHA DA POBREZA GARIMPEIRA REPRESENTADA NA LITERATURA CASCALHO DE HERBERTO SALES

Ynessa Cruz Santos do Vale¹

RESUMO: Este trabalho analisa a representação da pobreza e as formas de enriquecimento nas Lavras Diamantinas-BA, a partir do romance “Cascalho”, da autoria de Herberto Sales, assim como analiso o romance “Maria Dusá”, escrito por Lindolfo Rocha. “Cascalho” é inovador do sentido de que, nele o garimpeiro entra como elemento principal da narrativa, diferente de outros estudos sobre a região. Herberto Sales em “Cascalho” fez um estudo que denunciou as condições de vida das populações garimpeiras e os processos exploratórios vivenciados por estes grupos. E é a partir de fragmentos da obra que analisamos as condições sociais dessa população local. Para Ângela Vilma, além da imaginação: “nesse livro estão impregnadas muito mais que a história de uma região e de uma determinada época, mas a própria memória do romancista” (VILMA, 2006 p.23)

Palavras-chave: Literatura, Lavras Diamantinas, Herberto Sales

Em Andaraí, em um rotineiro alvorecer, o sol despontava no horizonte às cinco horas da manhã. Os raios solares teimavam em clarear a casa dos garimpeiros da Rua do Ribimba, bairro de casas simples, que alojava homens, mulheres e crianças que sobreviviam da produção dos diamantes. Era uma rotina árdua para aqueles que sobreviviam desse labor. Na companhia da família, sozinhos ou em grupos, subiam semanalmente ou todos os dias a Serra do Sincorá para se aventurar nas escavações em busca de um valioso diamante. Peneira²³, enxada⁴, marrão⁵, carumbé⁶, batéia⁷, os principais instrumentos de trabalho no garimpo eram acessórios quase que inseparáveis na subida e descida da Serra.

Assim que chegavam ao garimpo se juntavam aos outros e davam início a mais uma rotina de trabalho. Era o momento de fazer a tiragem e a separação do cascalho⁸; de afofar a terra com o intuito de preparar o local para o garimpo. Ao ralar o cascalho, isto é, separar o cascalho da areia, os garimpeiros já se preparavam para a parte mais delicada do serviço de garimpar: a apuração ou lavagem do cascalho, ocasião em que se identificava se havia diamantes, fato que era largamente comemorado pelos trabalhadores quando a descoberta do mineral procedia.

O relato acima, baseado em cenas do romance “Cascalho”, retrata o cotidiano dos trabalhadores dos garimpos. “Cascalho” além de narrar o cotidiano de muitos

garimpeiros, narra também o trabalho das lavadeiras, das prostitutas, dos comerciantes e demais sujeitos da sociedade andaraiense da década de 1930. Nesse sentido, nos valem das possibilidades de diálogo estabelecidos entre história e literatura⁹ e procuramos analisar como a pobreza dos garimpeiros é representada na trama tecida por Herberto Sales¹⁰ no romance regionalista “Cascalho”, cujo enredo se vale no declínio das experiências nos garimpos de Andaraí e arredores, por volta dos anos de 1944.

A pobreza nas áreas de mineração tem sido alvo de atenção de alguns historiadores. Estes estudiosos têm procurado retratar as verdadeiras condições a que estavam relegados esses trabalhadores, ultrapassando o entendimento de que esses locais de mineração eram locais de riqueza fácil e acessível a todos. De acordo com Daniella de Jesus (2009), ao estudar Iगतú - vila pertencente à Andaraí no recorte de 1930-1940, “a riqueza produzida com a extração de diamantes [...] restringia-se a uma pequena parcela da população que detinha a posse dos terrenos diamantíferos e capital para investir na exploração” (JESUS, Daniella, 2009, p. 19). A pobreza também faz parte de estudos de pesquisadores como Laura de Mello e Souza, que ao estudar Minas Gerais em seus primeiros anos de exploração, observa que: “em boa e pura verdade nunca houve tão propalada riqueza, a não ser na fantasia, amplificadora de escritores inclinados às hipérboles românticas” (SOUZA, 2005, p. 27)

Em “Cascalho”, romance regionalista do escritor Herberto Sales, publicado em sua primeira versão na década de 1940, os garimpeiros e suas condições de vida ganham as páginas principais da narrativa. Essa obra, diferente do romance “Maria Dusá”, dá maior relevância aos problemas cotidianos enfrentados pelos garimpeiros e demais sujeitos históricos ligados à grupos financeiramente desprivilegiados que tinham suas vidas atreladas à exploração do diamante e carbonatos, como exemplo prostitutas, lavadeiras e pequenos comerciantes. Herberto Sales, autor ligado à “elite” local, faz um estudo que denuncia as condições de vida das populações garimpeiras e os processos exploratórios vivenciados por estes grupos. E é a partir de fragmentos da obra que analisaremos a condições sociais dessa população local. Para além da imaginação, para Ângela Vilma: “nesse livro estão impregnadas muito mais que a história de uma região e de uma determinada época, mas a própria memória do romancista”. (VILMA, 2006 p. 23)

“Cascalho”, inicialmente, retrata uma cena comum nas Lavras, a morte como elemento que faz parte dos riscos da atividade mineradora. As precárias condições de

trabalho, por muitas vezes, levavam os trabalhadores à morte, sendo assim, foi narrado primeiramente um incidente com um garimpeiro chamado Raimundo que tinha sido morto pelo enorme volume d'água que chegava ao Rio Paraguaçu. Assim como de costume a cada acidente ocorrido na serra, o garimpeiro foi levado na rede pelos companheiros de serviço até a Passagem – povoado de Andaraí. Chovia muito no Rio Paraguaçu e uma enorme tromba d'água tinha arrasado todo serviço de meses, tudo se inundou. O garimpeiro Justino deu a notícia ao Coronel Germano que havia morrido um garimpeiro arrastado pelas águas.

Já para o escritor Lindolfo Rocha (1980), autor de *Maria Dusá* ao contrário de Herberto Sales (1944) natural das Lavras, era originário da região do Grão Mongol em Minas Gerais vindo para a Bahia nos anos 1880. No romance *Maria Dusá* podemos identificar uma narrativa ligada ao apogeu do ciclo diamantífero nas Lavras baianas. Mas, ao contrário de *Cascalho* onde podemos identificar com maior frequência os dramas dos garimpeiros e suas péssimas condições de existência, em *Maria Dusá*, Lindolfo Rocha não trouxe o garimpeiro para compor as principais cenas do livro. O ambiente retratado em *Maria Dusá* faz parte de um período em que, para o imaginário da época, encontrava-se diamante até mesmo em “moela de galinha”. Na atmosfera do livro, é bem retratada a vida penosa das pessoas que recorriam à região em busca de riqueza, assim como as péssimas condições do povo sertanejo decorrente da seca 1860.

O livro de Lindolfo Rocha acaba se tornando, em certa medida, um referencial para se pensar as dimensões referentes ao pensamento e os costumes do povo lavrista e sertanejo daquele contexto. Ricardo Brandão, mineiro e protagonista da narrativa foi para as lavras inicialmente como tropeiro e no caminho dessa estrada viu e descreveu toda a pobreza dos sertões, como pessoas passando fome, escassez de água, ausência de lugares para o gado pastar, características bem marcantes desse contexto. Outra personagem que tem sua grande importância no romance e que acaba levando o nome do mesmo é *Maria Dusá*, sertaneja que outrora pobre é afastada de sua família e por razões alheias a sua vontade acaba se tornando a cortesã mais requisitada daquelas de Iगतú. O romance se passa, na maior parte, nos povoados de Iगतú e Passagem pertencente ao Município de Andaraí.

Contrapondo as duas obras percebemos que tanto para Herberto Sales quanto para Lindolfo Rocha, o garimpo era uma espécie de jogo de sorte, em que ora se ganhava e noutros momentos não [...] “e que ganhando, deve sair e não voltar, enquanto

tiver dinheiro”. Esse trecho foi extraído de uma conversa do mineiro Ricardo com o sertanejo Felipe, este último foi um dos sertanejos a que Ricardo em sua passagem pelos territórios não lavristas ajudou. Mais adiante, ainda na conversa desses dois indivíduos percebemos a ideia de garimpeiro como gastador e que costumeiramente passava por condições adversas, mesmo em um período marcado por grandes achados diamantíferos: “Quer uma prova? Olhe, o homem que primeiro me alugou, estava quase rico; pois já gastou tudo com o serviço, com o luxo, e está *infusado*¹¹ que mete dó! Esta semana me veio pedir o *saco fiado*¹², e eu não tive jeito senão fiar” (ROCHA, 1980, p. 50).

Na narrativa de Herberto Sales (1944),¹³ muitos elementos são identificados: as precárias condições de vida dos garimpeiros, os riscos de trabalho, à péssima condição das moradias garimpeiras na serra e na cidade (onde esses passavam a menor parte do seu tempo). Cascalho é um exemplo dos dramas cotidianos dos garimpeiros que viviam em Andaraí e seus arredores. É a partir da compreensão desta narrativa que podemos imaginar os jogos de dominação que envolviam as relações sociais existentes nesses locais de exploração mineral. Sendo assim, pensamos o garimpeiro, não enquanto vítima dessas relações, mas reagindo e utilizando mecanismos que lhes eram disponíveis naquele contexto, o que não se pode deixar de considerar são as relações de poder desiguais.

Cascalho é um livro que narra o cotidiano dos garimpeiros e dos não garimpeiros a partir da ótica da exploração, onde os primeiros estavam submetidos. Ainda na narrativa do autor, o garimpeiro e a população pobre local, que em certa medida estava ligada ao garimpo por conta da precariedade das condições de vida, estava submetida aos grupos dominantes, por carecerem de boas condições de trabalho, habitação, saúde e alimentação; muitos deles, para alcançarem proteção nos momentos de dificuldades, prestavam favores à pessoas ligadas aos grupos dominantes em troca de conseguirem benfeitorias.

O garimpeiro Filó Finança, um sujeito astucioso e dos poucos garimpeiros que pensam no livro suas precárias qualidades de vida, ao refletir as condições de exploração por parte dos compradores, fornecedores, sobretudo, reflete o dilema do garimpeiro ao bamburrar: “bamburrar!¹⁴ Ah! rapaiz, ocê não sabe de nada. Quando a gente bamburra a gente tem três, quatro mês, um ano, dois, de miséria, de fome [...] quando chega o dinheiro assim de uma vez a gente chega fica doido. E a gente aproveita

enquanto a gente tem”. [sic] (SALES, 1944, p. 159) Outro garimpeiro que de acordo com a narrativa do autor consegue refletir sua condição de opressão, subalternidade e sonhos com dias melhores, é o sertanejo Silvério, sujeito que deixou sua família “no sertão” e chegou à cidade de Andaraí na perspectiva de conseguir melhores condições de sobrevivência e contraditoriamente encontrou uma situação tão adversa quanto a que havia deixado sua família:

Encontrava ali nas Lavras o mesmo desamparo do sertão esturricado de sol, o mesmo sofrimento dos homens. Duvidava do advento dum dia melhor, não acreditava na possibilidade de encontrar um doce caminho, aquele doce caminho que ele procurava, o caminho que o levaria a uma sonhada paz, a uma coisa que ele não sabia explicar mas que deveria vir com a união dos homens, os homens se amando num clima de trabalho e compreensão. [sic] (SALES, 1944, p. 45)

Junto às péssimas condições de trabalho, habitação e saúde, o garimpeiro tinha que lidar com uma jornada exaustiva de trabalho e precárias condições de alimentação. Em Maria Dusá as difíceis condições de moradia podem ser identificadas a partir do trecho: “O mineiro [...] desceu a ladeira extensa [...] trecho de estrada tortuosa por ter de contornar penedias e altos rochedos, casas aqui e ali, sem ordem [...] quando não eram lapas muradas de taipa, ou tapadas à pindoba, e fechadas a porta de vara” (ROCHA, 1980, p. 48) Em Cascalho, além da precariedade das moradias identifica-se que os garimpeiros em sua grande maioria tinham uma família composta por muitos filhos e, por conta disso, deixavam grande parte da sua provisão semanal alimentícia, “o saco”¹⁵, com a família. O garimpeiro sobrevivia: “com essas migalhas êle passaria a semana inteira na serra, no serviço pesado do garimpo, expondo-se ao perigo de morrer esmagado sob o peso de balisas descomunais” [sic] (SALES, 1944, p. 57) Contudo, eram estes “sacos” que ajudavam minimamente a alimentar sua família até o momento do tão sonhado bambúrrio. A dieta alimentícia do garimpeiro era basicamente composta de: “1 quilo de carne; 1 quilo de toucinho; 1 litro de feijão; 1 litro de arroz; 6 quilos de farinha; 1/2 libra de café; rapadura; temperos (sal, pimenta do reino cominho); gás (querosene) e fumo” (SALES, 1955, p. 36)

Cascalho tornou-se por estas e por outras questões citadas acima e as que no decorrer da análise serão explicitadas um romance que estabelece um diálogo entre o real e o fictício, na medida em que o autor denuncia as precárias condições de vida desses sujeitos, revela os problemas sociais por muito tempo negligenciados pelos poderes públicos: “o livro nasceu da experiência visceral do escritor com os homens e

“coisas, contatos e sonhos” (VILMA, 2006, p. 22) Esta obra acabou impactando a sociedade local a ponto de após o lançamento da primeira edição o autor ter que sair praticamente corrido para o Rio de Janeiro, pois além de ter denunciado problemas sociais utilizou como personagens da história os próprios moradores locais, o que gerou uma situação desconfortável, sobretudo na “elite” que na obra é mostrada utilizando seu poder para oprimir os pobres.

Tanto em Sales quanto em Rocha o espírito imprevidente do garimpeiro é destacado quando este gasta todo o ganho em jogos, prostitutas; isso é muito bem identificado na passagem: [...] “outro era agora Ricardo [...] a casa sempre freqüentava mulheres livres [...] quando o escravo chegou à casa do mineiro, estava este numa roda de jogo, tendo ao lado uma garrafa de vinho e um copo” (ROCHA, 1980, p. 77). Em relação às atitudes dos garimpeiros ao bamburrarem, Sales apresenta uma imagem de certa forma ambígua do garimpeiro, pois em determinadas passagens, este concorda com a forma de agir do garimpeiro quando este consegue apanhar uma boa pedra e usufruir, mesmo que demasiadamente, de tudo aquilo que lhe foi privado em seu momento de enfusamento. Contraditoriamente, em outras passagens o autor demonstra, através de um pensamento do sertanejo Silvério, não compreender o porquê de tanto esbanjamento sabendo que mais cedo ou mais tarde o garimpeiro voltaria à mesma condição. Não identificamos em Rocha essa imagem ambígua.

Sendo assim, essas duas passagens, exemplos de muitas apresentadas no livro, demonstram explicitamente essa contradição no pensamento do autor ao tentar entender a complexidade das ações que envolviam “os escravos do saco” demonstrado a partir do pensamento do sertanejo Silvério:

Ali estava o seu “de comer” duma semana. Êle era sozinho; dava, mais ou menos. Mas se a sua família estivesse na cidade teria de fazer como os outros de prole numerosa, como Benedito Bispo ou Maçu salgueiro: subir a serra com um pedaço de rapadura e um punhado de farinha para que a mulher e os filhos não morressem de fome, ficassem com o resto do saco. E recordava-se de Benedito Bispo trabalhando o dia todo, tisonado de sol, as costelas às mostra, curvado sôbre a bateia das sete da manhã as quatro da tarde, tendo apenas para “distrair os estômago”, aquela mais que frugal refeição de rapadura com farinha. Era de doer. Agora achava como que justo, como que compreendia as loucuras de *bambúrrios* que lhe contaram. [sic] (SALES, 1944, p. 57)

[...] Uma das primeiras coisas de que Silvério tivera notícia ao integrar-se na vida Lavrista. A história de Pedro Almofadinha era curiosa [...] Falava-se que possuía quinze roupas de linho, não sei quantas de casemira, uma infinidade de chapéus, camisas, gravatas, outro tanto de calçados. Tudo isso êle guardava na casa da tia, na rua da Santa Bárbara. Quando *bamburrava*, caía na pagodeira de verdade. [...] Era um gastar de dinheiro sem conta. [...] Aliás era esse o hábito de todo garimpeiro bamburrado: bebedeiras, farras, mulheres, três, quatro roupas por dia – até o esgotamento total do dinheiro[...] Silvério pensava nessas coisas e as achava estranhas, não as compreendia, não compreendia aquela loucura, aquela indiferença à vida, ao destino deles próprios. Achava o garimpeiro “sem juízo”, imprevidente uma criança para quem garimpo era um brinquedo. [sic] (SALES, 1944, pp. 62 - 63)

Talvez a grande questão desse desperdício desmedido que gera contradição no pensamento do autor possa ser explicado com as novas propostas de escrita e interpretação historiográficas de autores como Regina Beatriz (2006), que caminham na linha de pensamento oposta à estudos que identificam os garimpeiros enquanto supersticiosos, desperdiçadores, imprevidentes. Para tanto, essa nova proposta nos tem mostrado que é importante que levemos em consideração a existência de estímulos comerciais que estão presentes nas áreas de mineração e que fazem parte do cotidiano dos garimpeiros, assim como de toda população que vive nas áreas de mineração. Ainda de acordo com a autora, “mas nesse lugar não só se localizam trabalhadores das minas, mas também grandes compradores de diamantes e, sobretudo pequenos negociantes, movimentando as ruas e os negócios” o que acaba agindo decisivamente na forma como o garimpeiro vai se relacionar com o que está a sua volta (NETO, 2006. p. 136)

Os estímulos comerciais estão ligados aos fatores simbólicos que acabam influenciando nas maneiras de ser do garimpeiro, assim este interioriza essa representação como alguém que necessitava ostentar o seu “bambúrrio”, demonstrado das mais diversas maneiras a sua possibilidade de gastar neste cenário, o garimpeiro era visto enquanto sinônimo de atraso. No caminho dessas novas abordagens historiográficas, o garimpeiro exercia uma função ambígua na sociedade, ao mesmo tempo em que era considerado responsável pelo desenvolvimento econômico regional era também considerado o transgressor, ligado aos males produzidos na sociedade. Zeneide Rios de Jesus (2005) nos oferece pistas sobre as questões que envolvem as representações acerca dos garimpeiros:

A idéia corrente é de que o garimpeiro por encarnar o forasteiro aventureiro trazia um clima de insegurança e perigo para as regiões onde o ouro se fazia presente. Logo, a paz, a tranquilidade e conseqüentemente as possibilidades de um “futuro brilhante” para Jacobina estariam ameaçadas. Esse futuro se pautava na idéia de progresso mediante a fase promissora que a cidade vivia em decorrência da atividade aurífera. Paradoxalmente, o garimpeiro que, através do seu trabalho colaboraria com a crescente economia de Jacobina também era “elemento nocivo” que arruinaria a imagem da cidade pacata e civilizada que se pretendia defender. (JESUS, Zeneide, 2005, p. 74)

Além dos dilemas cotidianos enfrentados pelos garimpeiros no labor diário dos garimpos, na própria condição de ser um trabalhador desasegurado, em sua grande maioria analfabeta, ainda eram ludibriados pelos compradores de diamantes e comerciantes. Estes utilizavam as mais diversas formas na hora da compra ou do peso dos diamantes para levarem vantagem “o comércio, os lojistas, se enchendo de ganhos fabulosos nos negócios com aquela gente rude e analfabeta de quem além de roubarem nos preços por hora da morte, furtavam nas contas, na soma das contas” (SALES, 1944 p. 130). Zé de Peixoto, antigo jagunço do Cel. Germano, “chefe supremo dos homens que habitavam o município de Andaraí” (SALES, 1944, p. 128), autoridade local era detentor de terrenos diamantíferos e grande comprador de diamantes. Analisando este exemplo, podemos pensar a maneira como os comerciantes agiam quando ludibriavam os garimpeiros na hora das compras ou peso do “saco”, como mostra Cascalho:

Agora, na venda vazia, o patrão e os meias praças estavam a sós [...] a testa porejando suor, e começou a despachar o saco, jogando com estupidez as mercadorias na concha da balança. Esse estouvamento dava a impressão de que as pesadas de fato eram “gordas”, mas na verdade o toucinho ou a carne atirados com tôda essa força faziam a balança arriar com muito menos peso real. Era um velho truque dos negociantes sempre espertos nas transações com os pobres garimpeiros analfabetos. Quando não roubavam no peso faziam na soma do saco. [*sic*] (SALES, 1944, p. 57)

É provável que, embora o autor tenha conseguido relatar as relações que envolviam garimpeiros, compradores e comerciantes, os garimpeiros na obra são tidos como vítimas do sistema que os envolvia. Contudo, a nossa proposta aqui é pensar os garimpeiros além do processo de vitimização e maniqueísta que são marcas na narrativa de Sales. Esses trabalhadores procuraram mecanismos de resistência à opressão a que estavam sujeitos. Ocupar os espaços destinados aos financeiramente privilegiados,

mesmo que em ações momentâneas como eram os períodos de bambúrrio, burlar o quinto, contrabandear pedras, usufruir dos locais de divertimento destinado aos ricos, como os cabarés, usar as melhores vestimentas, se divertir com as prostitutas mais caras da cidade foram formas sutis dos garimpeiros se fazerem percebidos, além da lógica das relações trabalhistas.

¹Graduada em História pelo Departamento de Ciências Humanas do *Campus V* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Este artigo trata-se de uma versão reduzida do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História apresentado a sobredita instituição. Email: ynessadovale85@hotmail.com.

² Peça redonda composta por uma tela fina, normalmente utilizada para sessar areia.

³ Ferramenta com “lâmina de aço” com cabo de madeira, utilizada para cavar terra e areia.

⁴ Martelo utilizado para quebrar pedras.

⁶ Gamela de madeira em forma de cone, utilizada para a lavagem do cascalho

⁷ Areia grossa onde se encontram diamantes ou ouro

⁸ O diálogo estabelecido entre história e literatura no decorrer dos vários processos históricos nem sempre ocorreu de forma harmoniosa, digo isso por que, ao contrário da configuração atual em que esses dois campos do conhecimento têm procurado estabelecer trocas, e que os estudiosos tem se apoderado desse cruzamento. Por muito tempo procurou-se delimitar os limites entre o real e o fictício e esses limites foram utilizados para fazer uma separação entre os dois campos. Tudo isso em grande medida decorrente “do modelo de interpretação positivista e suas postulações de objetividade”. Ultrapassado a separação desejada pelo positivismo entre história e ficção, a Escola dos Annales abriu margem para um fazer historiográfico em que houvesse um maior diálogo entre as ciências humanas, e a partir de então, a história se abriu para diálogos com disciplinas como antropologia e psicanálise. Para saber mais ver: SOARES, Valter. *História e Literatura é possível sambar? Práxis: revista eletrônica de História e Educação- n° 4 (2006)*. Salvador, Faculdade Jorge Amado, 2004.

⁹ Escritor nascido na cidade de Andaraí, que retratou nas páginas do romance o cotidiano de muitos trabalhadores daquela cidade.

¹⁰ Garimpeiro que não encontra diamante a muito tempo.

¹¹ Provisão de alimentos adiantada ao trabalhador sem que necessariamente este tenha um contrato verbal firmado com o fornecedor.

¹² A partir dos fragmentos analisados nas obras pudemos entender um pouco das relações sociais que faziam parte das Lavras e como a pobreza foi representada no desenvolver da narrativa de Herberto Sales. Embora tenha priorizado a análise de Cascalho nesse tópico, não podemos deixar relacionar essa produção regionalista com o contexto em que ela foi produzida. Nesse sentido, é válido ressaltar que esta obra esta inserida no contexto da produção literária da década de 1930. Período que de acordo com Adriana Boudoux, o discurso da homogeneidade deu lugar ao discurso da diversidade cultural. Nesse sentido, os autores ligados à esse período se valeram da ficção para destacar as contradições sociais. Para saber mais, é válido conferir o trabalho da historiadora: BOUDOUX, Adriana Silva Teles. *Entre o céu e o inferno: garimpando representações identitárias no romance das Lavras diamantinas*. (Dissertação de mestrado) Feira de Santana, 2008.

¹³ Achar um diamante de grande valor.

¹⁴ Provisão de alimentos adiantada ao garimpeiro como parte no contrato firmado com o fornecedor.